

O ESPECTRO.

Admonet in somnis et turbida terret image.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

LISBOA 23 DE MARÇO.

O *Constitucional* de Pariz traz uui artigo sobre as cousas de Portugal que julgamos util transcrever. É glorioso para nós o sermos assim avaliados. *O direito, a justiça, a honestidade estão do lado da insurreição. Todo o homem imparcial, toda a alma elevada deve ser desta opinião.*

Eis-ahi como a emboscada de 6 de Outubro foi conceituada. Todos os males de Portugal são attribuidos a esses *calças de couro* que se acham, por vergonha nossa, á frente dos nossos destinos—a esse obtuso Dietz, espia da Santa Alliança, instrumento do mais feroz despotismo.

A folha franceza calculou bem. A crise financeira ali está, a fome bate a todas as portas, a morte adejá por cima de todas as cabeças.

Não commentamos: ahi vai o artigo a que nos referimos:

«Pariz 25 de Fevereiro — Os acontecimentos de Portugal tornam-se cada dia mais graves. A attenção publica, cançada pela repetição destas crises continuadas, esquece mui facilmente que se tracta d'um throno e d'um paiz. Nunca os negocios da Peninsula influiram mais directamente sobre os interesses da França, e cumpre conhecer e definir bem a situação.

«Sem duvida as questões da Peninsula são as mais das vezes questões de pessoas; as guerras civis são guerras feitas unicamente ao thesonro e aos empregos publicos. Mas devemos distinguir os effeitos das suas causas. A felicidade do povo, sua segurança, sua liberdade são jogadas por mãos muitas vezes indignas que não são as delle. Depois de muitas commoções que não tinham agitado senão a superficie dos partidos, formou-se ha uns poucos de annos uma administração nova, que encerrava no seu seio, como todas as cousas deste mundo, uma certa porção de bem, e uma muito maior porção de mal. Cego pelo restabelecimento da tranquillidade, a camarilha, este elemento funesto da politica peninsular, multiplicou as suas pretensões, e quiz invadir tudo; o rei não via senão pelos olhos d'um conselleiro alemão, e es-

te era dirigido por influencias estranhas. Um ambicioso, outr'ora um dos chefes dos exaltados, feito ministro, encheu se de orgulho com o poder; poz-se á frente d'uma caballa de funcionarios; reunidos á camarilha estehderam sobre todo o paiz as cadéas d'um favoritismo exclusivo, e da separação systematica de todos os homens dotados de alguma independencia e de alguma dignidade pessoal. A constituição ficou sendo uma palavra vã, e Portugal foi explorado por uma facção cujo chefe immediato era Costa Cabral, e conselheiro intimo o Dietz. Um despotismo cúpido, exclusivo, violento, arbitrario, e muitas vezes anarchico nas fórmãs, sublevou em fim a nação; e no principio do anno passado, o povo inteiro estava em armas.

«A cõrte nestas angustias recorreu ao salvador ordinario de Portugal: o duque de Palmella foi nomeado primeiro ministro, e associou-se a homens que reuniam á qualidade de amigos da liberdade e das instituições a de amigos da ordem e do throno da rainha. A posição deste gabinete era difficil e perigosa. Atraz delle estava cõrte hostil, e na frente o povo em armas; mas a cõrte acabava elle de a salvar; e o povo podia juntamente ter confiança nelle. Depois de muitos mezes de esforços, de triunfos pacificos obtidos pela moderação dos ministros, e confiança que inspiravam, a nação quasi toda inteira desarmou. Este acontecimento, verdadeiramente honroso e glorioso, foi a causa da perda do gabinete. A cõrte livre de seus inimigos, procurou logo desfazer se dos seus defensores; não queria dedicação senão de uma só natureza. N'uma noute a guarnição de Lisboa foi posta em armas, as tropas correram a cidade, gritos de victoria partiram das varandas do palacio, e o povo soube com espanto que a rainha tinha demittido o ministerio. Os moderados tinham dominado pela persuasão as tendencias anarchicas. Quizeram desfazer-se delles, dos moderados, pela força, e no dia seguinte todas as garantias constitucionaes foram violadas, as eleições supprimidas; em fim o absolutismo temporario ou definitivo proclamado. O povo corren do novo ás armas: a bandeira da insurreição levantou-se em todos os angulos de Portugal. O Porto

6 de 264
12/8

formou uma junta cuja auctoridade o paiz inteiro reconheceu. Lisboa opprimida pelas tropas, obedece á côrte. Não fallamos dos homens, do papel indigno representado nestes circumstancias por um antigo apostolo dos exaltados, nem dos erros d'algumas pessoas de bem. Mas considerai nestas circumstancias o comportamento do povo e o do governo: o povo tinha largado as armas desde que o governo havia mostrado sentimentos mais justos e mais moderados por uma mudança de ministerio. A concordia podia restabelecer-se; e a côrte aproveitou-se desta confiança e deste desarmamento para restaurar o absolutismo! Assim pela primeira vez desde a elevação de D. Maria ao throno, esta guerra civil apresenta caracteres de animosidade e de vingança. Cousa estranha! são os oppressores que se mostram mais vingativos, mais odientos. A consciencia do mal corrompe-lhe o sentimento, e nós temos de referir actos de raiva e vingança desconhecidos em Portugal desde a queda de D. Miguel.

« Por toda a parte aonde não havia tropas nem d'um, nem de outro partido, o povo pronunciava-se a favor da insurreição. O exercito insurgido era muito mais forte que o exercito real, quando um dos chefes do primeiro, esperando sem duvida ganhar por si só a victoria, ou não sendo culpado senão d'um falso movimento militar, combatteu o exercito real inteiro com uma parte só do exercito liberal. Foi vencido e ficou prisioneiro com as suas tropas depois d'uma capitulação. Para mostrar a natureza dos meios empregados pelo partido de Lisboa bastará dizer que todos os mancebos de familias de consideração, foram obrigados a alistar-se no exercito real, sob pena de prisão; que as notas do banco teem um curso forçado, e que se estabeleceu um maximum nos objectos do consummo. Mas isto não passava de arbitrario e violento; começou logo a crueldade. Os prisioneiros de guerra foram tratados como criminosos d'estado, e foram metidos juntos n'um pequeno brigue, e mandados para a costa d'África. Não sabemos se o trafico dos brancos é mais permittido que o dos negros, e se é mais immoral exportar prisioneiros negros para as Antilhas do que exportar prisioneiros brancos para as doentias costas de Africa. Não sabemos se é mais cruel arrancar aos inimigos a vida d'um só golpe do que fazer-llos morrer lentamente da febre d'Angola. Mas o que é certo é que estes prisioneiros foram condemnados sem fórma de juizo a este tormento e a esta morte, ou para melhor dizer foram executados sem ser condemnados. E quem são estes homens? Aquelles ou os filhos daquelles que collocaram D. Maria sobre o throno.

« O exercito insurgido depois de ter perdido alguma parte da sua gente retirou-se para o

Porto. O exercito real seguiu-o de longe, e os dois partidos acham-se alli na posição inversa da que occupavam ha dois mezes junto de Lisboa. As forças militares são quasi iguaes de parte a parte, e a maioria do paiz reconhece ainda o poder da junta. A lucta pôde pois ser longa: será incarnçada d'ambas as partes. Nenhum partido está em estado de vencer o seu adversario, e a falta absoluta de dinheiro decidirá só, não a victoria mas a derrota.

« Já o dissemos, o direito, a justiça, honestidade, estão do lado da insurreição, para melhor dizer, do lado dos defensores dos interesses nacionaes contra um bando de funcionarios ávidos de empregos e de dinheiro. Todo o homem imparcial, e toda a alma elevada, independentemente de principios politicos, deve ser desta opinião.

« A insurreição em Portugal não é politica, é popular, cousa mui differente naquelle paiz, e então natural é que todos os aggravos populares façam ouvir ao mesmo tempo a sua voz. Tem-se dito que a junta do Porto chamaria ou acolheria D. Miguel; não o acreditamos; os nomes dos homens que a compõe, os do visconde de Sá e do conde das Antas, são nossos abonadores. Mas D. Miguel está em Londres; e a noticia do sua chegada proxima ao Porto toma consistencia; o throno de D. Maria, até agora tão solido no meio do tumulto de todas as facções, parece hoje ameaçado por explosões republicanas ou miguelistas; e este facto só não basta para demonstrar quão insensatas como culpaveis são todas estas tentativas de contra-revolução feitas pelas monarchias constitucionaes, estas quebras de fé das côrtes que dividem em dois o partido dos seus defensores, e as expõe a ellas mesmas aos golpes de antigos adversarios? Ou a rainha triunfe ou succumba na lucta actual, os seus conselheiros imprudentes tornaram possivel uma lucta futura com D. Miguel, que se torna um pretendente serio. Não foi ajunta do Porto que produziu este resultado, não foram os homens de idéas liberaes que trouxeram esta triste possibilidade, foi o actual governo de Lisboa, foram os violadores das leis, os fautores da guerra civil e da anarchia, foram os que achavam o partido muito grande para a divisão dos empregos, foi a intolerancia d'uma cubiça e de um debil e violento despotismo.

« Uma ultima e definitiva catastrophe financeira será a consequencia inevitavel dos acontecimentos actuaes. Será impossivel pagar ao exercito victorioso; ao descontentamento dos vencidos virá ajuntar-se o descontentamento dos vencedores. Este infeliz paiz entra n'um periodo de crises mais pungentes, mais cruéis, mais irremediaveis que as precedentes. As pessoas honestas de todas as nações e de qualquer opinião não terão forças para exprimir a sua indigna-

ção contra esta quebra de fé, ligeireza, violencia e imprevidencia, contra este esquecimento de todos os serviços prestados, de todos os principios protectores. Quem o pagará? Portugal certamente, os cidadãos mais respeitaveis primeiro, e mais cedo ou mais tarde os máus conselheiros da rainha. »



O *Diario* traz cotado o agio das notas em 19 do corrente a 1,800 réis. O certo é que estiveram a 4 pintos e dois mil réis sem haver quem as queira.

Mas dado que assim fosse ali temos o termometro da prosperidade publica. Ali temos o resultado das medidas financeiras do governo, e a ordem que o Tojal veio dar ás nossas cousas.

Na alfandega tem entrado grande quantidade de notas no pagamento dos direitos para fugir ao pagamento da metade em metal depois do fim deste mez. Esta circumstancia devia fazer descer o agio das notas até 31 do corrente, e com tudo o agio sobe! E' porque o descredito do governo é maior que todos os esforços para o diminuir — é porque o governo apenas acaba de receber por uma porta a importancia dos direitos, faz saír pela outra as notas em que elles são pagos lançando-as no mercado para apurar metal.

Acresse a tudo isto o saber-se que muitas firmas do banco e do governo trocam as suas notas em metal sem desconto, causando assim um mal gravissimo, e commettendo uma grande immoralidade, porque tem na sua mão o metal do publico em quanto este fica com as suas notas; e se hão de resgatar estas pelo metal, deixam morrer á mingua milhares de familias indo elles engordando com o suor alheio!

Deste roubo publico é que nasce esta crise.

O ministerio e os agiotas reúnem-se, e depois escrevem no seu *Diario* — «o agio hade diminuir porque estiveram meia duzia de homens na secretaria da fazenda!» Que tem que alli se reúnem meia duzia ou uma de delapidadores? Alli não se tracta senão de ver como se hade ganhar esta pobre nação.

Os nossos fundos em Londres desceram com a abolição das duas decimas! O governo assim sobcarregou a nação com perto de 400 contos, e a condição dos possuidores dos fundos não melhorou. Isto é a causa do augmento do descredito.

O governo tirou aos empregados uma das duas decimas, assim como as incripções; e as incripções não subiram, e o desconto das cedulas dos empregados não diminuiu. Só a divida publica augmentou n'uns poucos de centenares de contos de réis!

A junta do Porto pelo contrario reduz o or-

denado dos seus funcionarios a 12,000 réis mensaes, e os fundos do Porto conservam o seu valor. E' por que a administração popular não é de rapina, é por que a nossa causa é a unica que tem futuro.

Em quanto essa cáfila de agiotas, que *vendem decretos e recebem luvas*, gerir os negocios publicos, esteja certo o povo da capital que não se vê livre da miseria, por que com a podridão dos nossos cadaveres é que esses abutres engordam.



As noticias do quartel general do Saldanha dão o exercito cabralista no maior desalento. A fome, apesar dos continuados roubos commettidos por aquella quadrilha, é canina; não havendo paliás para os cavallos sustentam-nos a tojo pisado; o desalento é extremo, e as esperanças do triumpho desvaneceram-se totalmente.

O Saldanha que mandára despejar os estrangeiros do Porto, porque a 20 de Fevereiro começaria as operações, deixou' passar mais d'um mez sem avançar um palmo de terreno, e nas suas cartas para Lisboa insta pela intervenção como unico meio de acabar a lucta. Diz que é necessario que a Castella mande pelo menos seis mil homens, e que o ministerio lhe mande 400 contos de reis.

Em quanto alli reina a desanimação, no campo opposto ha o mais vivo enthusiasmo, e a confiança precursora infallivel da victoria.

As hordas dos bandidos e assassinos fugiram do Minho diante das armas da junta do Porto; Tras-os-Montes a estas horas deve estar limpo de toda a cabralada; nas duas Beiras o levantamento foi geral e simultaneo apenas constou que as tropas debaixo do commando do general Povoas se moviam; Evora, Portalegre, Béja e Algarve nunca reconheceram o imperio do absolutismo, e por este modo a totalidade do paiz obedece ao movimento popular, tendo o governo por si o pouco espaço de terreno em que se acham encurraladas as suas tropas.

Segundo as noticias que dá o *Diario* o exconde de Vinhaes com o seu estado maior achava-se a 16 do corrente no acampamento do Saldanha. Isto importa dizer que aquelle ex-general fugira da sua divisão para escapar aos golpes dos nossos bravos soldados. Diz-se que o Saldanha vendo proxima a sua derrota quer confiar o commando a outrem para pesar sobre esse o desdouro de uma desfeita que já não pôde deixar de ser infallivel.



Alcacer do Sal pronunciou-se. Eis-aqui a historia singular deste pronunciamento:

Chegou á administração do conselho um officio do governo civil; o povo reuniu-se, e quiz

4
saber o seu conteúdo; o administrador recusou-se a dize-lo porque o officio era confidencial. « Por isso mesmo (dizia o povo) é que nós que-
remos saber o que elle contém; e se o sr. ad-
ministrador não no-lo disser marchará diante
« de nós para Evora. » ● pobre magistrado leu
o officio ao publico, e foi depois entregar a ad-
minisiração ao presidente da camara porque
não queria ser juiz com taes mordomos.

Os escrivães do juiz de direito puzeram-se
logo em marcha para Lisboa, o juiz queria se-
gui-los mas o povo disse-lhe que aquillo não
tinha nada com elle. Como porém o sr. Deme-
trio se fizesse cabralista, safou-se atraz da sua
pequena cõrte.

É sabem o que continha o officio? Perguntava
aonde estavam as forças do Algarve, porque o
governo não sabia nada dellas em razão de ter
cortadas as communicações pelas forças do con-
de de Mello!!! Com tudo nesse mesmo dia es-
crevia o *Diario* que essas forças não passaram
de Mertola! Pobre almocreve das petas, o go-
verno é quem denuncia as tuas mentiras.

Como o governo tem roubado os dinheiros
dos orfãos, os dos depositos, e os das confra-
rias, assim como as pratas das igrejas o povo
pensou que era algum acto de rapina igual a
estes, e quiz prevenir-se.



Hontem correu a noticia de que as forças po-
pulares do Alemtéjo tinham aprisionado aos ca-
bralistas 70 cavallos, e cento e oitenta e tantos
infantes, entre Veiros e Fronteira no dia 16 do
corrente. Não garantimos a veracidade da noti-
cia, damo-la só como corrente.

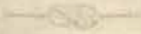


O *Diario* consolou hoje a gente, e se tomar-
mos os seus conselhos, todos nos podemos con-
siderar felizes.

Diz elle que se acredita geralmente que a
quantidade de dinheiro é uma fortuna, e que
não ha asneira maior do que esta, porque é
um prejuizo terrivel, que causa graves emba-
raços, e que tem muitas vezes arruinado nações
inteiras.

Para o *Diario* o que val tudo é o credito.

Ora o *Espectro* vai alistar-se no rol dos tolos,
e pela vez primeira vai pedir um favor ao go-
verno.



Se o dinheiro o pôde arruinar não no-lo rou-
be, e deixe-nos ser infelizes com esse muito ou
pouco que temos. E' uma desgraça que lhe pe-
dimos; mas como a felicidade depende muitas
vezes da imaginação, deixe-nos ser felizes segun-
do a nossa theoria, e fique-o elle sendo confor-
me a sua. Nunca houve combinação mais rea-
lisavel do que esta. Adopte elle para si o tim-
bre da pobreza franciscana, e deixe-nos a nós
o martyrio de darmos a applicação que nos
aprouver aos haveres que temos.

O dinheiro arruina quem o tem, e o gover-
no decreta que os seus empregados recebam
mais do que recebiam?

O dinheiro é um prejuizo, e o governo es-
creveu ha pouco que ia importar metaes?

Quando é que obra seriamente, e segundo
os seus principios?

Mas o credito val muito. Sem duvida. Pois
então esse governo acreditado sirva-se delle, e
se não tem dinheiro, nem credito, deve cahir:
viva elle do credito, accete as suas notas, e
dê-nos o metal.

Depois de tanta lamuria a conclusão é que
nem tem dinheiro nem credito.

Isto é mais ridiculo do que stulto, e só me-
receria uma gargalhada se, com estas doutri-
nas, esse bando de empalmadores não tivesse
provocado a crise com que luctamos.



O diabo paga bem sempre a quem o servê.
Uns officiaes de marinha, cabralistas chapados,
representaram contra os prisioneiros do brigade
Audax que foram mandados executar sem pro-
cesso e sem sentença em Angola, dizendo que
receiavam muito uma revolta no mar. O minist-
terio premiou os serviços destes sendeiros man-
dando prender uns e ficar outros no cruseiro
d'Angola em consequencia da sua esperteza. A
tripulação do brigade *Audax* tambem lá ficará a
fazer serviço.

Estes senhores tiveram todo o castigo dos re-
volucionarios sem terem uma só das suas van-
tagens. Tinham medo que os infelizes recobras-
sem a sua liberdade, e depois disto foram quin-
hoar da sua sorte.

Bem haja o sr. Manoel de Portugal por este
serviço. Este acto torna-o um dos namorados
da Maria da Fonte.

